

# A professora Cecília Meireles: educação e civilidade em suas publicações de 1930 a 1940

Cecília Meireles teacher's: education and civility in your publications 1930 to 1940

Nubea Rodrigues XAVIER<sup>1</sup>  
Magda SARAT<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo traz as contribuições dos estudos interdisciplinares entre a literatura, a história da educação e a sociologia figuracional de Norbert Elias. Temos como objetivo apresentar Cecília Meireles como normalista que contribuiu na formação de comportamentos ditos civilizados para crianças. Nossas fontes são as publicações do jornal Diário de Notícias, seção Página de Educação, coluna Comentário, de 1930 a 1940. Nelas, Cecília aponta os embates, críticas e disputas com intelectuais, governantes e responsáveis pelas diretrizes educacionais. O resultado dessas contribuições são frutos das estratégias de resistência da professora, jornalista, educadora e mulher à frente de seu tempo.

Palavras-Chave: Educação. Educadora. Infância. Jornalismo.

## Abstract

This essay is about the contributions of interdisciplinary studies between the literature, the history of education and the figurational sociology of Norbert Elias. This point is present Cecília Meireles as a normalist who contributed to the formation called civilized behaviors for children. Our sources are the publications of the newspaper Diário de Notícias, section Página de Educação, column Comment, from 1930 to 1940. In these productions of Cecília we had the clashes, criticisms and disputes with intellectuals, government officials and those responsible for educational guidelines. The results of these contributions are the result of the resistance strategies of the teacher, journalist, educator and woman ahead of her time.

Keywords: Education. Teacher. Childhood. Literature.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação em Diversidades e Inclusão: política, currículo e práticas pedagógicas e professora no curso de Pedagogia (UEMS). Membro do Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador GPEPC/UFGD e Grupo de estudo e pesquisa em práticas pedagógicas escolares, trabalho docente e formação de professores para infâncias/GEPinfâncias/UEMS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0929086512880572>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5315-6074>. E-mail: [nubea.xavier@uems.br](mailto:nubea.xavier@uems.br)

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Professora Associada da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD (PPGEdu Mestrado/Doutorado). Líder do Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador/GPEPC e Bolsista Produtividade do CNPq (01). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4301531823989684>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9388-0902>. Email: [magdaoliveira@ufgd.edu.br](mailto:magdaoliveira@ufgd.edu.br)

## Introdução

*Os professores de hoje, que se integram, com um nobre esforço, na atual corrente de pensamento que vem atravessando o mundo [...] sabem que a educação estética é um meio infalível de atingir a alma delicada da criança, sensível e dócil à beleza, amoldável a ela, capaz de se deixar influenciar pelo seu suave jugo, muito melhor que por obrigações rígidas, estabelecidas quase como um castigo, e como um castigo, na verdade recebidas (MEIRELES, 2001, v. I, p. 26).*

Iniciamos o texto com essa epígrafe apresentada pela nossa professora que é mais conhecida como a escritora Cecília Meireles e, como autora de inúmeras obras voltadas para diferentes públicos, desde o infantil até ao adulto. Foi poeta consagrada do repertório nacional, dificilmente lembramos da professora ou da jornalista que contribuiu para a História da educação do país e que participou de vários movimentos pela educação na primeira metade do século XX, dentre esses o mais expressivo foi o *Manifesto dos Pioneiros pela Educação Nova*. Pois é desta Cecília professora que trataremos neste artigo.

A normalista preocupada com os professores para que eles compreendessem a *educação estética* como um *meio infalível de atingir a alma delicada da criança*, segundo mencionado na epígrafe acima, e ao falar da criança, Cecília aponta a perspectiva de tratar a história da educação, a história da escola, as políticas educacionais, as propostas de educação, interseccionadas com a literatura - que ela tão bem conhecia - considerando o que este campo pudesse permitir alguns elementos de análise, para a promoção de uma educação estética, possivelmente propugnada em seus textos jornalísticos

Ao escolher Cecília Meireles, embora sua potente e vasta obra poética, optamos por suas produções jornalísticas, em que tomaremos como material bibliográfico uma compilação das publicações da jornalista, realizadas nos períodos de 12 de junho de 1930 a 12 de janeiro de 1933, do Diário de Notícias, na seção Página de Educação, na coluna Comentário que foram sistematizadas como Crônicas de

Educação e organizadas em quatro volumes por Leodegário A. de Azevedo Filho<sup>3</sup>.

Buscamos analisar nestes textos as concepções de educação, civilidade, hábitos e modos de ser para as crianças, alunos e alunas engendrados por regras, normas e condutas da escola, assim como da família, considerando que a educação inicial pressupõe um primeiro espaço familiar. Portanto, para além das inúmeras produções literárias, artísticas, acadêmicas e profissionais, nosso interesse está na educadora e defensora dos novos ideais pedagógicos para a infância, em sua atuação como jornalista, publicando no jornal carioca *Diário de Notícias*, na seção Página de Educação, um vasto material sobre princípios da laicidade e escolanovismo, dedicando-se a escrever sobre suas percepções, não somente como professora, mas também como cidadã.

Cecília Meireles ampara-se em uma voz própria para conseguir se expressar e delimitar sua posição enquanto mulher, no contexto social e histórico em que vivia. Portanto, temos como objetivo identificar em sua escrita jornalística os modos como a professora, a educadora pensava e identificava as posturas, as normas e as regras utilizadas na formação de comportamentos ditos civilizados, e, como tais modelos são instituídos nas figurações relacionais de poder, das quais fazem parte as crianças escolares. Embora, tendo em mente que a professora Cecília Meireles não pode ser destituída do seu período social e histórico, nem da sua participação social enquanto pedagoga, escritora e educadora, que escreve a partir do seu tempo ao *dizer os professores de hoje*, nesse presente ao qual ela estava inserida.

Analisamos as contribuições da professora Cecília Meireles a partir da história da educação e da sociologia figuracional fundamentada em Norbert Elias que em toda a sua teoria propugnou compreender conceitos como civilidade e poder, imbricados em todas as relações humanas e em todas as gerações. Assim, falar das concepções de Cecília presente em sua obra jornalística é também esmiuçar sua formação pessoal, e a própria educação recebida por ela em seus contextos sociais. Deste modo, nós nos

---

<sup>3</sup> A obra *Crônicas de Educação* teve sua organização dirigida por Leodegário A. Azevedo que, além de publicar ainda *A poética de Anchieta* (1963), *Poesia e Estilo de Cecília Meireles* (1973), *O cânone lírico de Camões* (1976) e *As cantigas de Pedro Meogo* (1982), atuou como professor universitário, ensaísta, crítico literário, filólogo; doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, foi membro da Academia Brasileira de Filologia, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro e da Academia Brasileira de Literatura.

apoiamos em seus escritos buscando em suas percepções, sobre educação, compreender um determinado período da história, da atuação de professores e da educação da infância no Brasil.

Nossa proposta é apresentar a professora Cecília, em defesa da infância, uma jornalista que sabia elaborar orientações aos professores e familiares e se contrapor às questões políticas educacionais, defendendo uma escola laica e gratuita.

## Cecília Meireles: a infância da menina, educadora e jornalista

*Por fim o homem disse: Que menina bonita, tem uns  
olhinhos de gato*  
(MEIRELES, 1983, p. 128).

Segundo a obra da escritora *Olhinhos de Gato*, considerada sua autobiografia, podemos apontar que sua infância foi de uma menina órfã, criada pela avó portuguesa num bairro elitizado do Rio de Janeiro, no início do século XX. Na obra Cecília retratou os silêncios de uma casa de mulheres adultas, perpassada por um cotidiano entre o interior da casa, o jardim e o quintal. Os personagens foram compostos por sua avó, sua babá negra, as negras cuidadoras e cozinheiras da casa, negros empregados, os vendedores, as crianças da rua e a sua vizinhança.

A menina Cecília estudou numa escola pública e foi aluna exemplar, “aos nove anos recebe das mãos de Olavo Bilac, um poeta notável que acompanha o sistema educativo, sua primeira medalha de mérito pelos versos escritos” (YUNES; BINGEMER, 2003, p. 115); a premiação foi dada em reconhecimento aos “versos escritos para o mural da escola pública que frequentava” (p. 115). Foi aluna acima da média, desempenhando com distinção e louvor o curso primário, concluído no ano de 1910.

Cecília Meireles formou-se como professora na Escola Normal Superior, “aos dezesseis anos já é mestra alfabetizadora e estuda línguas, cultura oriental e canto, enquanto escrevia seu primeiro livro de poesias *Espectro*, editado em 1919” (YUNES, BINGEMER, 2003, p. 115- 116). A formação das jovens na Escola Normal era recorrente como uma das possibilidades de formação e trabalho para moças vindas do lugar social de

Cecília, mas, no seu caso, ela conta que teve a ver com a família: “Minha mãe tinha sido professora primária, e eu gostava de estudar em seus livros. Desses velhos livros da família, as gramáticas, sobretudo a latina e a italiana, me seduziam muito” (MEIRELES, 2016, p. 09).

Nesse cenário do início do século XX viveu e se formou a professora Cecília que ainda na adolescência terminou a Escola Normal e se constituiu no contexto de mudanças relacionadas à organização social que marcaram o período, especialmente no campo cultural e educacional, culminando em fevereiro de 1922 com o lançamento do movimento da Semana da Arte Moderna, “[...] que revolucionou a reprodução e a recepção de diversas artes no Brasil” (AVILA, 2008, p. 22). Cecília Meireles casou-se no mesmo ano, em 1922, com o artista plástico e integrante do movimento modernista português, Fernando Correa Dias e teve três filhas. O casamento durou quatorze anos até o suicídio do esposo em 1935.

Tais aspectos são importantes pois para Elias (2011), a condição individual de cada pessoa vincula-se à sua existência social de modo a constituir suas percepções, pois somos o resultado de nossas experiências sociais desde a infância (SARAT, 2018). Ainda que tais vivências aconteçam a partir de processos planejados nossa educação está determinada pelo grupo social do qual fazemos parte e, estamos sujeitos a “[...] um processo civilizador individual, tal como o social, segue em geral cegamente seu curso” (ELIAS, 1993, p. 204), um curso cego na direção de que o inusitado, a surpresa, o extraordinário estão presentes pois, não temos controle de todos os acontecimentos, portanto, os *processos cegos* são aqueles que embora planejados, não podem ser totalmente controlados, ocorrendo na infância de todas as crianças, tanto de meninas como de meninos, já pesquisados por nós na literatura .

Deste modo, nos parece que a experiência de vida da professora Cecília, apesar de nascida numa família de elite, escravocrata, se expressou na sua formação de modo que ela optou pela defesa da educação como um princípio e um direito da infância para todas as crianças. Defendeu a educação para distintos contextos sociais na direção de um conceito de engajamento político, cultural, educacional, mesmo vindo do seu lugar de menina branca, neta de uma senhora abastada, vivendo entre crianças pobres e negras.

Este aspecto é importante na sua biografia, pois marca sua trajetória como professora e jornalista que defendeu a educação, e nos provoca a pensar com Elias (2006) acerca de como os modelos vividos nas diversas figurações sociais, dentre essas, a que a menina Cecília se formou, explicitou as distintas relações de poder, tanto entre gerações, como entre os grupos de estabelecidos e *outsiders* representados por adultos, crianças, pobres, idosos e muitos outros. Convivências estas que ela teve oportunidade de participar, em figurações específicas, obtidas desde a sua infância, com aspectos da sociedade na qual ela viveu e que posteriormente a permitiu fazer denúncias a partir de seus textos e de sua escrita.

Ao formar-se na Escola Normal Superior Cecília aderiu à função de educadora, vinculando-se como professora adjunta da rede municipal de ensino para o curso primário no período em que ocorre a eleição presidencial de Arthur Bernardes, que governaria o país, de 1918 a 1922, em estado de sítio: “[...] várias greves são deflagradas no Brasil inteiro, principalmente em São Paulo, com os salários baixos e as péssimas condições de trabalho [...]” (FALEIROS, 2011, p. 45). Assim, ela iniciou, neste contexto complexo e conflituoso.

As ideias de Cecília se contrapõem as do governo, e a produção de sua coluna diária, utilizando coerentemente seu discurso, direcionava-a politicamente, envolvendo tanto os leitores diversos, desde representantes governamentais, burocratas, inspetores, intelectuais, assim como professores, pais e demais responsáveis pela educação. Ela buscava ampliar suas proposições, queria esclarecer e orientar seus leitores e, por possuir uma rede de interdependência vasta e estruturada, convidava inúmeras personalidades para entrevistar:

São muitos e diversos os personagens entrevistados e os convidados especiais (os colaboradores) que Cecília escolheu para escrever sobre educação. Em todos eles, porém, algo comum: a marca - dos grandes inspiradores -, em todas as áreas do conhecimento humano, tais como: Roal Amundsen, Pierre Michailowsky, Kou-Hung-Ming, Anatole France, João de Barros, Fernanda de Castro, Eduardo Spranger, Angelo Patri, Eduardo Claparède, Gerardo Seguel, Yrjö Hirn, Maria Montessori, para registrar somente os colaboradores dos primeiros meses da Página de Educação do Diário de Notícias (LÔBO, 2010, p. 22).

A composição da Página de Educação incluía, além de notas editoriais, reportagens ilustradas, propagandas, resenhas bibliográficas, notícias do movimento educacional do país e do estrangeiro e, diariamente, um ou mais artigos de colaboração, firmados por especialistas de reconhecido valor, entre os quais figuram notabilidades europeias e americanas.

Nesse espaço de formação de leitores, o jornal era responsável por veicular um ideário dos novos “[...] discursos pedagógicos desse período, especialmente a partir dos anos de 1930, baseados em princípios psicológicos e pretensamente científicos [...]” (PERES, 2005, p. 106), pois o movimento da Escola Nova pautava-se em mudanças de toda a cultura escolar do período. Essa crença na ciência de modo pragmático e positivista vem se contrapor a organização escolar do período, embora haja muitas críticas a essa inspiração estrangeira pautada em “[...] testes de inteligência, de aptidões e de maturidade que classificavam e categorizavam as crianças em classes homogêneas” (p. 106), na época também foi importante pois considerava o movimento como algo inovador que percebia a escola como lugar de transformação social, além de “[...] instrumento de justiça social, fundada na equalização de oportunidades de desenvolvimento individual” (CORRÊA, 2005, p. 287). Tais ideais na educação considerados progressistas pelo movimento escolanovista assentavam-se nos pilares da “sociologia durkheimiana, por Fernando de Azevedo, e o pragmatismo deweyano, por via de Anísio Teixeira” (p. 287).

Nesse contexto, Cecília amparava-se nas instruções deste movimento enquanto defensora da Escola Nova e promovia ações que envolviam a temática e as infâncias em seus escritos, defendendo aspectos de uma pedagogia que fosse laica, em meio a um contexto de ascensão de Getúlio Vargas ao poder que fortalecido pelo “[...] ideário liberal, por uma intervenção estatal que enfatizava uma perspectiva da indústria nacional”, com as alianças de classes, as políticas populistas incorporavam um projeto de desenvolvimento de país de “forma subserviente e desigual” (FRIGOTTO, 2005, p. 226), entre suas promessas estavam a reforma eleitoral, moralização pública, reforma tributária e eliminação do latifúndio – aliança liberal liderada pelo Rio Grande do Sul, Paraíba e Minas Gerais, contrapondo-se a São Paulo.

A bibliografia informa que “[...] as primeiras ações políticas tomadas por Getúlio Vargas no âmbito da educação trouxeram

preocupações para a educadora-jornalista” (LÔBO, 2010, p. 33) que em sua coluna mostrava uma posição sempre contrária ao sistema educacional e seus dirigentes, pontuando as problemáticas da educação: “a Página de Educação do *Diário de Notícias* foi criada a 12 de junho de 1930 com o objetivo de propor o desenvolvimento da educação popular, examinar questões pedagógicas e apresentar ao público o noticiário de ensino, acompanhado ou não de comentários” (LÔBO, 2010, p. 21).

A jornalista e educadora, por sua vez, inicialmente posicionou-se favorável as propostas da Revolução de 1930 quando escreveu: “[...] a Revolução, que neste momento acaba de transformar o Brasil numa formidável esperança para o mundo inteiro, traz no programa grandes nomes que a encaram, todas as características de um movimento significativamente educativo” (MEIRELES, 2001, v. II, p. 120), e a partir desta notícia foi remetendo a outras com temáticas tais como: “As crianças e a revolução; Educação e revolução; Política e pedagogia; Educação artística e nacionalizadora; O momento educacional; A responsabilidade da revolução”, entre outros (LÔBO, 2010, p. 33) num primeiro movimento de apoio.

Posteriormente, com as decisões do então ministro da educação, Francisco Campos, ao colocar-se a favor dos conservadores, a jornalista rebelou-se e fez da sua coluna uma estratégia de oposição ao governo Vargas e manifestou-se contra a aprovação do *Decreto nº. 19.941 de 30 de abril de 1931, que instituiu o ensino religioso nas escolas públicas*, tecendo duras críticas ao documento, expondo a necessidade do respeito ao princípio de laicidade do ensino, imputado pelos educadores da Escola Nova e mantendo-se fiel aos princípios que defendia anteriormente:

[...] E dizem: a escola deve ser leiga. Todo mundo concorda: menos os católicos. E começam a levantar suspeitas (já tão conhecida que até dá má impressão dos recursos da sua inteligência) de que a Escola Leiga é uma coisa monstruosa; que é uma escola sem moral, sem Deus, sem Cristo; que é a perversão da infância e a desgraça da sociedade; o desmoroamento nacional e a condenação da humanidade para todo o sempre. Me parece que há outras religiões, além do catolicismo. No entanto, essas não acham nada disso (MEIRELES, 2001, v. III, p. 87).

Para a educadora, a escola deveria respeitar todas as outras religiosidades e outras formas de crenças, principalmente por se tratar da instrução e formação da criança. Não aceitava que a religião estivesse acima do cientificismo, e ainda que o governo negasse os manifestos e princípio de que haviam sido pactuados pelos intelectuais do movimento escolanovista, Cecília, de certo modo, apoiou, inicialmente, a revolução e propunha uma educação inovadora, tendo como um dos princípios inerentes da educação, a laicidade na escola.

Ocorre que a reformulação da educação, neste período histórico, pautava-se em construir uma escola edificada no cientificismo e na filosofia, distanciando a religiosidade de suas bases, no entanto processo que não ocorreu de maneira tranquila e ocasionou posicionamentos dos opositores: de um lado, os defensores do escolanovismo, e de outro, os conservadores. Sobre essa questão, Corrêa (2005, p. 288-289) aponta que “[...] a história da escola no Brasil revela que a expansão do nosso sistema de ensino se deu por ciclos, atendendo um calendário ditado pelas pressões sociais”. Ao nos pautarmos na assertiva da autora podemos dizer que nesses os embates entre educadores, advinham também interesses políticos, filosóficos, jurídicos, médicos e religiosos.

Nesse contexto conflituoso e de muitos interesses do período, a escrita de Cecília se inseria num limiar entre as defesas das crianças e os conflitos políticos, o que a tornou uma jornalista incompreendida no seu tempo e na sua trajetória, fazendo com que ela demarcasse um espaço social, “[...] trilhando caminho não convencional, sem se enquadrar nos cânones da cultura oficial. Desse modo, foi motivo de indiferença, de resistência e de perseguição” (RAMANZINI, 2014, p. 77-78), pois ela enfrentou a partir do trabalho da escrita jornalística e da palavra todos os embates apresentados, escrevendo sobre estes temas polêmicos e instigantes. A professora Cecília Meireles se posicionou não somente por ser jornalista, mulher, o que já era motivo de alguns contratempos, mas por também ser como professora e intelectual que conhecia sobre educação, o que credenciava seu conhecimento e suas posições sobre o tema.

## A educadora Cecília Meireles e seus temas: co-educação, infância e docência

*Quando se trata de orientar a criança, é necessário conservar bem sensível esse tato especial que, num dado mínimo, conquista à espontaneidade infantil [...]. (MEIRELES, 2001, v. I, p. 169).*

Esse fragmento é um exemplo de texto que a jornalista/professora Cecília escrevia em sua coluna no *Diário de Notícias* para entre outras coisas orientar os pais, educadores e população sobre a educação da criança. São inúmeros os textos nos quais ela faz orientações e críticas ao modo como se educava e se castigava a infância. No texto podemos perceber a recomendação de muito *tato* na condução do processo educativo, esperando que essa educação não traga problemas posteriores no desenvolvimento da criança e nos seus relacionamentos de modo a tirar sua espontaneidade suas características próprias.

Em seus textos jornalísticos a tônica segue essa direção, no *Diário de Notícias* de 1º de julho de 1931, na ocasião do II Congresso Internacional Feminista ocorrido no Rio de Janeiro, ela divulgou uma nota sobre a criação de uma liga de *Assistência educacional às meninas pobres*, tendo o propósito de auxiliar com roupa e livros as crianças pobres do sexo feminino. Cecília de modo perspicaz escreve: “Não quero passar daqui. Pretende-se, pois, inicialmente, dividir a infância em duas partes: meninas para um lado, meninos para o outro. A “Liga” favorecerá as meninas. E os meninos?” (MEIRELES, 2001, v I, p. 71).

No fragmento da notícia publicada, percebemos sua crítica à escola que no período era separada e a necessidade da coeducação entre os sexos. Bem como, nas ações assistências de instituições filantrópicas que atendia a instituições separadamente para infâncias pobres de meninos e meninas. É muito provável que a ação do congresso estivesse se voltando a assistência às crianças destas instituições distintas. No entanto, a proposta de coeducação não era recorrente em todo o país, e como jornalista, a professora Cecília já vinha na sua coluna advogando a coeducação. Ela, então aponta que o Congresso Feminista não deveria tomar atitude que apoiasse a distinção entre sexos “[...] a ponto de sacrificar uma parte da infância que não tem culpa nenhuma de nascer com um sexo que, se as

feministas provam que não é superior ao seu, terão decerto mais dificuldades em provar que lhe é inferior?” (MEIRELES, 2001, v I, p. 71).

Percebemos que Cecília considerava a infância como uma categoria social que não poderia ser direcionada pelas distinções de gênero, assim, os direitos e diferenciações infantis deveriam ser pensados socialmente, pois “[...] criaturas sozinhas, que somos, e, ao mesmo tempo, elementos de multidão, temos de ser o que exigem esses dois meios, e, guardando o equilíbrio justo entre essas solicitações quase antagônicas” (MEIRELES, 2001, v. I, p. 94).

Outro tema que a jornalista/professora Cecília tratou na sua percepção sobre a infância desempenhando papel importante foi defender uma escola pautada na aplicação do folclore, da literatura e da tradição como temáticas relevantes para o aprendizado da criança, divulgava uma nova metodologia educacional, valorizando a sensibilidade e a inspiração infantil. Cecília além de professora também era folclorista, tinha um bom repertório de brincadeiras de roda, de cantigas, e uma diversidade de entretenimento para a criança, de maneira a defender que se deveria permitir as crianças sem diferenciação de gênero, e acreditava que “[...] o brinquedo que se dá a uma criança geralmente não corresponde aos seus interesses biológicos” (MEIRELES, 2001, v. III, p. 16).

Ademais, a inventividade e imaginação da criança se fazem da simplicidade e da percepção, pois “[...] em geral, a criança, dobrando o pobre brinquedo à necessidade das suas funções psicológicas, converte-o em instrumento dessas funções, apropriando-o, modificando-o, utilizando-o, enfim. Como são injustos os adultos! Chamam isso de estragar!” (MEIRELES, 2001, v. IV, p. 17). Nessa direção, ela defendia que a professora deveria conhecer a psicologia e o desenvolvimento infantil, pois sabendo como respeitar a criança ela propugnaria por uma educação que a respeitasse, e esse conhecimento era parte do ideário do período. Assim, criança e educador podiam ter uma visão de mundo equiparada de modo a acrescentar aprendizagens:

Quanto às belas invenções das crianças, elas são a realização da sua própria vida interior, a prática de si mesma. Quantas vezes as vemos vivendo uma existência arbitrária, em que cada uma toma um nome diferente para o seu, e se veste com trajes que nós mesmos não compreendemos, mas que para elas tem um significado maravilhoso, peça por peça...

estão inteiramente compenetradas do que representam. Já viu uma menina comer um pedaço de papel que simbolizava uma salada de alface, numa brincadeira de 'jantar'. É por isso que o brinquedo mais útil é aquele que a criança cria, ela mesma... os parentes e professores, acompanhados esse interesse, favorecendo-o, orientando-o sem o oprimir, concorreriam de um modo vantajosíssimo para a alegria da infância, ao mesmo tempo que a estariam educando, através da execução daquilo que tanto aprecia: o brinquedo (MEIRELES, 2001, v. IV, p. 17).

A valorização dos conhecimentos da criança e da sua forma de ver e enxergar o mundo a sua volta era algo ressaltado nas publicações de Cecília, que demonstrava em sua linguagem jornalística, sua dedicação pela profissão de normalista; de seu lugar de professora e o que isso representava para a criança e a infância, entretanto, ainda que o seu público fosse de educadores e seus textos voltassem à formação e informação, já que ela escrevia para a coluna de um jornal diário, ao escrever sobre a infância ela reportava-se, por vezes, a uma estética poética de educadora, relatando fatos cotidianos do fazer de toda professora ao lecionar para crianças na educação infantil, particularmente ao receber agradãos e presente dos seus alunos e de suas alunas:

Os presentes mais engraçados que recebi de alunos, foi, certa vez, na zona rural: um, levou-me uma pena de pavão incompleta: só com aquela parte colorida da ponta; outro uma pena de escrever, dourada, novinha; outro, um pedaço de vidro vermelho. O caco de vidro foi o que mais me surpreendeu. Não sabia o que fazer com ele. Pus-me a revirá-lo nas mãos, dizendo à criança: 'Mas que bonito, hein?' Muito bonitinho, esse vidro... procurava, assim, provar-lhe o agrado que me causava a oferta. Ela, porém, ficou meio decepcionada, e, por fim, disse: 'Mas esse vidro não é para se pegar não... Sabe que é? Olhe: a senhora põe-no assim, num olho, fecha o outro, e vai ver só: fica tudo vermelho... Bonito, mesmo! (MEIRELES, 2001, v. I, p. 169-170, grifo nosso).

O relato de uma experiência vivenciada por ela, como educadora, demonstrava sua percepção de observar a ludicidade da criança, colocando-a como parte do processo de aprendizagem. Aquela criança, ao descrever o

modo mágico e talvez poético de ver o mundo, oferecia uma resposta ao adulto sobre o que fazer com o objeto, embora o adulto em sua racionalidade jamais imaginasse que bastaria colocá-lo no olho para ver tudo de uma cor diferente, conforme sugestão da criança. Ao escrever sobre a experiência, Cecília convida a afinar o olhar e talvez flexibilizar a maneira rígida de ver o mundo, tornando-a mais lúdico, fluído e criativo como é parte da capacidade das crianças de fazê-lo.

Cecília não acreditava em uma educação feita com castigos, punições e imposições, pregava a instrução pela naturalidade e convivência social da criança, segundo ela: “[...] como se vê, é uma desorientação completa. A criança chega à conclusão, confusamente— no mistério de sua alma —, de que os seus direitos são de criança, mas os seus deveres, de adulto.” (MEIRELES, 2001, v. I, p. 158). No momento em que a criança vai para a escola existe uma mudança em sua vida na qual ela passa a ser *aluno*, o que faz a distinção entre o seu status de criança e a condução da educação. Nessa fase ocorrem as transformações para outra etapa, as quais as crianças seguem sua formação “[...] sem esgotarem o sabor da infância, atraídas pelas vantagens de quando forem grandes [...]” (p. 158), mas com as responsabilidades cobradas pela escola, ao considera-los como alunos já transformados, uma vez que estão em seus territórios educacionais.

Para a professora Cecília, no ambiente familiar, as crianças eram relativamente mais livres em suas emoções e pulsões, e a escola tinha a responsabilidade de impor uma educação com maior rigidez, que se concretizava por normas, regras e modelações de comportamentos, mas os dois atuavam de modo importante concorrendo para tal formação. Segundo Cecília: “[...] a criança dispõe de dois meios que sobre ela atuam poderosamente: a escola e o lar. [Vamos admitir como lar a própria vida social, e não somente o convívio da família] (MEIRELES, 2001, v. I, p. 65). Em sua percepção, a educação se concretizava na relação família e escola, ideais da Escola Nova. Ela continua, “[...] pensávamos: se educando a criança, contando apenas com a cooperação da escola, iremos atirá-la a um mundo inadequado, impróprio para sua vida (MEIRELES, 2001, v. I, p. 65).

Nos textos publicados nos jornais, consideramos que Cecília subverteu as normas do período em que viveu por se colocar de maneira incisiva e resistente ao contexto social dos grupos sociais estabelecidos. embora ela fizesse parte de uma elite intelectual, e de certo modo

econômica, no centro do país, que na época politicamente passava por dura repressão, na qual ela precisava equilibrar-se ante as estratégias de poder do governo, já que a consolidação desse poder se fazia com uma forte construção ideológica, pautada na nacionalidade e no discurso da identidade brasileira, que de certo modo, se ancorava em teorias segregacionistas, teorias eugênicas, raciais de inspiração nazifascistas dos movimentos europeus na II Guerra Mundial.

Cecília, como jornalista, estava num patamar elevado se comparado aos intelectuais do cargo daquela época, ela demonstrou uma produção de imenso e aprofundado material de suas idealizações como educadora, além de enfrentar o fato de ser mulher, em um momento em que este trabalho era muito restrito às mulheres, em especial, as que ainda viviam nos primórdios do movimento feminista no Brasil. No entanto, após a coluna do Diário de Notícias à guisa de informação, Cecília em 1951, aposentou-se como diretora de escola, e seguiu trabalhando no Rio de Janeiro como produtora e redatora de programas culturais na Rádio Ministério da Educação.

As suas obras destinadas ao público infantil ressaltam a inventividade da infância e o imaginário lúdico que faz parte da percepção da criança. Nos textos jornalísticos, enquanto defensora da infância enfrentava os representantes governamentais e ministros educacionais, mantendo suas concepções. Sua intelectualidade, destreza literária, formação e conhecimento sobre crianças e educação a levaram ao engajamento educacional, permitindo a produção de vasta documentação. Portanto, através de sua escrita jornalística, ela conseguia atacar seus opositores, ora por meio de entreditos, ora por metáforas, mas se colocava em destaque na defesa da infância e promovia reflexões de mudança nas estruturas educacionais do país.

## Cecília normalista: atuação na política educacional brasileira

*Mas isso tem de ser realização de educadores, em colaboração com estudantes, cientistas, artistas – todas as forças do país (MEIRELES, 2001, v. II, p. 151).*

A atuação da escritora e jornalista Cecília Meireles e seu engajamento político e social se fez num período em que o espaço público para as mulheres era, ainda, muito restrito, ela fazia parte de grupos sociais em um período no qual às mulheres as atividades de escritora, poeta e expressão de suas concepções publicamente não eram comuns, e às mulheres destinava-se o espaço privado. No entanto, Cecília frequentou relações sociais perpassadas por uma política educacional que permitiu sua atuação como jornalista, educadora, escritora e poeta.

Destacamos aqui um enfoque importante na compreensão desse aspecto da atuação da professora Cecília, qual seja seu engajamento político em um período quando as mulheres tinham pouca expressão e visibilidade social. Assim, podemos dizer que em sua figuração – entendida, segundo Norbert Elias, como os espaços ou lugares sociais nos grupos dos quais fazemos parte e que se adequam ou se reestruturam conforme a dinâmica social de um determinado período histórico, de maneira que mantenha um equilíbrio entre os indivíduos no sentido de obter posições e equilibrar os diferentes níveis na balança de poder.

Nesse sentido, historicamente Elias (2011, p. 176) diz que houve uma “[...] primeira onda de emancipação das mulheres” nas cortes absolutistas, à medida em que mudanças nas perspectivas de controle social provocavam maiores níveis de embaraço e vergonha, fazendo com que a sociedade guerreira se tornasse cortesã e considerasse nesse processo de civilização dos modos e dos comportamentos a presença feminina.

Portanto, o lugar das mulheres foi fundamental no processo de pacificação dos guerreiros, no controle do Estado e na contenção da violência como forma de equilibrar a balança de poder. Ainda sobre a temática, a pesquisadora Hargreaves (2014, p. 450) a partir das teorias de Elias aponta que “[...] a balança do poder entre os sexos, modificou-se com as cortes feudais [...] que ofereciam às mulheres oportunidades específicas para fugirem da dominação viril e atingir um estatuto igual ao dos homens”. Norbert Elias afirma que quando os homens foram obrigados a renunciar à violência física a importância social das mulheres aumentou, sendo uma das condições para a redução das desigualdades entre os homens e as mulheres o desenvolvimento da organização do Estado, no qual as funções guerreiras e pacificadoras tornaram-se o apanágio dos governos (HARGREAVES, 2014, p. 450).

Não vamos nos alongar em discutir as diferentes abordagens dos movimentos das mulheres e o crescimento do seu poder nas figurações das quais fazem parte, mas destacaremos que Cecília representava uma mulher diferenciada para a sua época, embora não se considerasse feminista ou levantasse bandeira de nenhum movimento, a não ser seu engajamento na luta pela educação e sua participação nos grupos que frequentava entre os intelectuais da literatura, do jornalismo, das artes, em parceria também com atuação de pintor do qual o marido inseria-se profissionalmente.

Cecília circulava entre grupos de homens, amigos intelectuais que acreditavam em uma revolução a ser feita a partir de uma nova política educacional, mesmo diante das circunstâncias vividas, se fortaleciam formando uma rede do chamado escolavovismo no qual ela, mais do que todos, sustentava ideias inovadoras para a educação. Suas concepções valorizavam a literatura como possibilidade de interpretação da realidade, de forma que os conhecimentos das crianças fossem levados em conta pelo adulto de maneira a ser respeitada. Considerava que a educação poderia ter uma função política, percebendo as diferenças e as diversas identidades da infância, independentemente da classe social ou da religião.

Cecília Meireles, com sua crítica jornalística, buscava romper com a ideia de padronização de ensino que existia na escola. Ela tinha uma abordagem cientificista, amparada pela sua rede de amigos pensadores, escritores e filósofos. Preocupava-se com a relação existente entre a criança, a família e a escola e a partir dessa perspectiva, defendia uma escola laica, gratuita que acabava se opondo às decisões do então ministro da educação Francisco Campos e do governo de Getúlio Vargas. Tal postura resultou em embates e disputas de poder, empreendidos principalmente pela sua produção jornalística e poética na época.

A jornalista Cecília esteve junto com a comissão e compôs o Manifesto dos Pioneiros a partir de uma conferência de educação no Distrito Federal, realizada em dezembro de 1931, e foi realizado com a colaboração do jornalista Fernando Azevedo. Muitos intelectuais da época, inclusive ela, apoiavam esse movimento de apoio à causa educacional e acreditavam que os jornais poderiam ampliar as discussões e as ações sobre a temática com publicações a respeito.

Entretanto, diante do exposto retornamos ao fato de que Cecília sendo mulher, poeta e jornalista, sua postura enquanto educadora se desenrolou nestes espaços de poder, dos quais ela se encontrava

estabelecida e reconhecida. Ainda assim, ela assumiu oposição aos órgãos governamentais e, diretamente, ao secretário de educação do governo, fazendo-o de maneira recorrentemente em seus textos publicados na sua coluna jornalística.

Nesses termos, os seus lugares de poder nestas figurações sociais foram determinados pela sua participação e vinculação política e social. Cecília independentemente de ser mulher ou de sua escrita feminina tinha uma função importante dentro do cenário no qual foi composto o documento do *Manifesto dos Pioneiros* e a proposta da Escola Nova, pelo modo como se posicionava a partir da escrita sobre os órgãos educacionais, tanto que em 1933 sua coluna deixou de ser publicada no referido jornal em represália dos opositores as suas manifestações.

Deste modo, a partir de perspectivas eliasianas, podemos pontuar que a autora conseguia transitar em diversos espaços de poder, embora majoritariamente masculino, no qual a maioria de pensadores, burocratas e políticos eram homens. Ela fazia parte do *establishment* era credenciada por seu conhecimento e suas posições para se expressar e escrever independente do fato de ser mulher e do seu lugar na *balança de poder*.

Durante determinado período, a jornalista e professora, ficou impossibilitada de publicar suas matérias, porém, entre os anos de 1941 a 1943, teve novamente condições de continuar com suas críticas, desta vez na coluna de outro jornal intitulado *A Manhã* – seção Professores e Estudantes – pontuando sobre a valorização dos professores, seus importantes estudos sobre folclore infantil, além das defesas quanto às mudanças educacionais. Em um texto sobre a implantação da Reforma Fernando de Azevedo, apesar das inúmeras imperfeições, ela diz que a Reforma conseguiu “[...] estimular as forças vividas do magistério; trouxe uma esperança nobre para os que se iam finando, desiludidos, na sombra do regime antigo” (MEIRELES, 2001, v. II, p. 111), e ainda acrescenta que a reforma apresentou “[...] a criança com eloquência e elevação. Transformou o magistério de burocracia em apostolado [...]” (p. 111).

Em seus textos preocupava-se com os temas educacionais e buscava promover entre os pedagogos a compreensão de uma educação estética, no qual a literatura fosse uma possibilidade de atribuição de significado para além da escola, e que as crianças pudessem transcender às práticas mecânicas de saber ler, escrever e contar. Questionava as preocupações em somente instruir, ao invés da educação representada pela ansiedade dos

pais mal orientados, querendo a todo o transe que os filhos soubessem ler e escrever, e certos inefáveis inspetores e diretores que julgavam o merecimento das professoras pelo número de alunos promovidos – fosse em que estado fosse – tudo isso contribuiu enormemente para que a escola se reduzisse quase à desgraça missão de alfabetizar, despejando, anualmente, no mundo, “algumas centenas de crianças, cujas possibilidades estavam limitadas à quase inutilidade do saber ler e escrever” (MEIRELES, 2001, v. IV, p. 25). Os interesses da jornalista professora também se ampliavam para a implantação de bibliotecas e patrimônios que divulgassem o hábito pela leitura.

Em toda a trajetória de seus textos é possível ver a educação, a escola e à docência em sua forma visceral, e em pautas presentes como uma defensora dos interesses infantis, que estava sempre causando embates e era capaz de conquistar defensores a sua causa, assim como, opositores ao seu legado. Isso porque Cecília esboça uma compreensão de infância, a partir do que poderíamos chamar da percepção da criança, não mais como um adulto em miniatura, porém como aquela que intervém, que tem especificidades, que produz cultura por meio de suas relações sociais, e isso era um discurso dissonante na época, quando todos usavam a violência e os castigos físicos com a criança, ela não somente dizia, como escrevia, questionava, confrontava e apontava o contrário, ou seja, certamente causava estranhamento.

Os documentos informam que em sua escrita jornalística suas percepções de infância valorizavam a criança e o seu olhar sobre o cotidiano, a família, a existência e percebemos ainda que seu ideal de educação ultrapassa os limites de instrução. Suas preocupações estavam em todos os processos, desde a atuação docente, até a aplicabilidade das leis, as atitudes governamentais, a gestão, o cuidado com o patrimônio escolar, as condições físicas, estruturais a arquitetura dos prédios, o mobiliário, a infraestrutura como é possível ler na sua crônica:

A assistência percorreu com olhos curiosos de toda aquela documentação. Na augusta sala do Ministério, entre aqueles móveis sólidos e limpos, diante daquelas imensas decorações, numa tarde em que positivamente não chovia, e todos sabendo ler e escrever (alguns talvez até mais que uma língua), os ilustres senhores presentes não poderiam imaginar com facilidade o que é uma escola do Distrito

Federal: casa suja, velha e acanhada, com móveis partidos, quase sempre desajustados à altura das crianças, com vidros furados, teto fendido, escadas desmoronando-se, excesso de poeira, falta d'água, e muitas vezes falta de ar e falta de luz. Isso são coisas que precisam ser sentidas de perto. E há muita gente ilustre, e que certamente trabalha imensamente pelo Brasil, mas que não passou pela tristeza de conhecer uma escola primária por dentro, porque, em muitos casos, nem a infância a frequentou (MEIRELES, 2001, v. IV, p. 115).

Interessante que ela faz duplamente uma crítica no texto, aponta que em sala bonita, *limpa e sólida* as pessoas não tinham a menor ideia do que seria uma escola no interior do país, com crianças em condições precárias de atendimento, e assim, almejava algumas ações que se aproximassem da realidade escolar, pois informando as condições de escola, mesas cadeiras, mobiliários é possível denunciar a educação e o que não se aprende em tais contextos.

Cecília elaborava posicionamentos quanto à formação das normalistas e o desempenho dessas em sala de aula ao apontar em seus textos: “[...] o educador não pode ficar agarrado a um sistema, a um método, a uma doutrina. A permanência estimulante num determinado ambiente, limitado e imóvel” (MEIRELES, 2001, v. III, p. 189-190), traçando sugestões e orientações “[...] tanto melhor educador será quanto maior e mais fácil capacidade de adaptação demonstrar” (MEIRELES, 2001, v. III, p. 189; 190). Cecília não fazia, somente, críticas às normalistas e suas práticas pedagógicas, além de fazê-las, também, orientava, direcionava, sugeria atividades para a melhoria de seu trabalho enquanto educadoras.

Para Cecília a fase de aprendizado infantil deveria ser respeitada, considerando suas realidades, seus interesses e habilidades “[...] a criança não é um boneco. É uma criatura humana, com todas as forças e fraquezas. Por isso mesmo, são condenáveis todas as atitudes que a rebaixem, ou que lhe estorvem o seu normal desenvolvimento” (MEIRELES, 2001, v. 1, p. 163). Entre os temas caros estava a importância da oralidade na alfabetização, bem como a utilização das fábulas com suas ilustrações adequadas para a concretização de um texto literário, mediante este aspecto, a ação alfabetizadora era uma responsabilidade de grande peso pedagógico. Deveria estar relacionado com o todo, com uma intenção

social, política, sendo acima de tudo, um compromisso pedagógico com a própria criança.

Nestes termos esteve a preocupação de Cecília, escrever sobre tal temática implicou conhecer a realidade educacional, a jornalista professora definia-se pelo lugar de onde falava, pelo espaço social que ocupava, desempenhando vários papéis que a destacaram enquanto intelectual feminina nestes lugares. Sua contribuição enquanto pedagoga foi imprescindível para a formulação do sistema educacional brasileiro, seus textos trazem à tona a complexidade da organização escolar, do processo de ensino aprendizagem, as mazelas da escola, os alunos, a infância escolarizada, e, em todas as situações, a autora se posiciona com propriedade, apontando a ciência e o conhecimento como caminho e evidenciando a educação em todos os escritos como única forma de fazer as transformações que aquele momento histórico urgia.

## Considerações finais

*Se ainda existem professores céticos, será por desconhecimento ou conhecimento errôneo – o que dá no mesmo – do que a Escola Nova significa e aspira*  
(MEIRELES, 2001, v. III, p. 244).

Cecília Meireles, como personalidade intelectual, acadêmica, literária e artística tinha percepção de seu potencial e buscava disseminar seu conhecimento em defesa da educação, propugnou pela educação nos documentos que utilizamos neste artigo e trabalhou para que suas aspirações por uma Escola Nova se concretizassem. Mesmo considerando as condições de censura, retaliações, perseguições que sofreu ao longo de sua carreira como escritora e jornalista, não deixou de produzir uma escrita que expressasse suas percepções.

Suas publicações continham orientações sobre temáticas educacionais, sem desvincular-se de sua formação pessoal que enfatizava às tradições, a oralidade, a ludicidade infantil, presentes na sua profissão e na sua própria experiência de infância. Sua formação familiar e as relações vividas por ela em diferentes grupos sociais, nos parece interiorizada e concretizada em suas práticas sociais de educadora, no momento quando

valoriza a condução de posturas pedagógicas, que a diferenciavam dos demais educadores da época, pois Cecília priorizava a criança e a infância no processo pedagógico.

Durante o período de sua formação enquanto normalista, já desponta como uma educadora que se opõe às diretrizes de uma escola retrógrada e totalitária. Por conta de suas habilidades de poeta e escritora, evidencia-se perante seus pares, ganhando notoriedade e apreço de artistas, escritores, filósofos, burocratas governamentais e defensores das ideias da Escola Nova. Torna-se assim, uma expoente na área educacional e conquista uma rede de relações, permeadas por respeitabilidade e admiração. Ponderamos que essa projeção ocorria por conta de sua individualização enquanto mulher e educadora. Sua escrita promovia uma educação estética, vinculada ao cientificismo e à valorização dos costumes e hábitos brasileiros, defendia o folclore e as religiosidades de matizes africanas e orientais.

No entanto, ao iniciar sua inserção na produção de impressos como defensora da educação, Cecília envolve-se em situação de embates e disputas políticas com dirigentes e burocratas educacionais. Este movimento pode ser pensado a partir de uma balança equilibrada de poder que a escritora mantém com esses interlocutores, pois Cecília consegue se impor em espaços e expressar suas concepções e opiniões intervindo a partir dos meios jornalísticos.

Interessante perceber que esse poder, não estava vinculado a nenhum tipo de associação, sindicato, federação ou grupo como era comum naquela época às mulheres ou educadores. A atuação de Cecília se dava em uma militância centrada em suas concepções sobre a educação das crianças, a formação das professoras e a organização escolar. Para isso, pautava-se em estudos que respeitassem as infâncias existentes, sem distinção de gêneros, classe social ou religiosidade.

Como jornalista, suas inúmeras colunas no *Diário de Notícias* expressam a situação nas escolas, não atenuava as problemáticas que envolviam a atuação de professores, dos dirigentes, dos secretários educacionais, dos prédios escolares, dos pais ou responsáveis, e dessa maneira escrevia sobre suas inquietações, apontava instruções, orientações e tecia críticas que eram lidas por mães, pais, educadores, crianças e responsáveis políticos.

Nessa documentação jornalística sua oposição foi à religiosidade unilateral e o conservadorismo no campo educacional. Cecília criticava a necessidade de colocar religião expressando sua aproximação entre as leis propostas pelos burocratas, reformistas educacionais e as práticas dos professores que atuavam no cotidiano escolar, para ela a escola deveria ser laica. Apontava a importância dos pais ou responsáveis, para serem ativos no processo de aprendizado da criança em parceria com a escola pois “[...] a educação moderna, para ser uma realidade viva, depende do entendimento de professores e pais, de modo que a obra da escola e do lar se unifiquem numa comum intenção [...]” (MEIRELES, 2001, v. I, p. 113).

Cecília Meireles foi transgressora, singular e determinada em sua atuação jornalística, não se amedrontava perante as ações ditatoriais explícitas, ou não, que promoviam situações para distanciá-la de seus objetivos ou projetos. Podemos apontar que estes empecilhos a colocaram em determinados momentos na condição de *outsider*, no entanto, ela não aceitava tal condição, por motivos que nos parece ligado à sua inserção social, sua extensa rede de relações ao longo de sua carreira. Cecília era muito bem relacionada e embora, o poder circulasse e pendesse majoritariamente para o universo masculino, era uma mulher talentosa e reconhecida assim, ao tentarem silenciá-la, seus opositores acabavam perdendo o respeito e a legitimidade, por não conseguirem responder à altura as críticas e considerações – ela conseguia o efeito oposto, colocava-se ainda mais em evidência como jornalista e intelectual.

Assim, a partir dos aspectos apontados, a atuação de Cecília Meireles na literatura e no jornalismo permitiu que ela demonstrasse que a normatização de comportamentos sociais, aprendidos desde a infância, especialmente para as meninas e as mulheres, forjam comportamentos que estão atrelados a representações e às suas práticas culturais. Tais práticas foram dispostas para demonstrar a relação hierárquica existente entre os gêneros. Portanto, a trajetória pessoal e profissional de Cecília Meireles evidenciou que foi possível a ela subverter a ordem e obter equilíbrios na balança de poder, nas figurações das quais fazia parte, a partir de práticas femininas, que permitiram a utilização de estratégias para imprimir mudanças.

Cecília utilizou a escrita e educação, pois este recurso ultrapassa as dicotomias de gênero, permitindo assim que ela, enquanto mulher e

intelectual que foi, pudesse alcançar engajamento e estabelecer-se nas inúmeras figurações das quais participou ao longo da sua vida. Ela subverteu as chamadas práticas femininas e as utilizou como argumentação em suas poesias, crônicas, matérias jornalísticas e literatura, provocando mudanças sociais e de comportamentos e permitindo que outras mulheres refletissem a partir de seus textos. Consideramos a partir dos documentos que Cecília Meireles tenha buscado uma relação de poder e um espaço que não a diferenciasse enquanto mulher, mas sim, equiparasse suas relações na mesma proporção de equilíbrio de poder entre os seus grupos, embora, as práticas culturais e as representações do modelo de mulher e de escritora as tenham reservado o lugar de coadjuvante social, ela insurgiu e participou burlando as hierarquias a partir de sua escrita. Suas posturas nos permitem apontar como sua escrita sugere a decisão por *isto ou aquilo*, e deixaram uma lição ao universo feminino... *Sede assim qualquer coisa serena, isenta, fiel. Não como o resto dos homens.*

## Referências

AVILA, M. **O retrato na rua: memórias e modernidade na cidade planejada.** Belo Horizonte: UFMG, 2008.

AZEVEDO FILHO, L. A. **Prefácio. Cecília Meireles: crônicas da educação.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (v. I, II, III, IV), 2001.

CORREA, R. L. T. Política educacional, modelo pedagógico e trabalho do professor: um aspecto da história recente. In: LOMBARDI, J. C. & SAVIANI, D.; NASCIMENTO, M. I. (Orgs). **A escola pública no Brasil: história e historiografia.** Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2005.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Zahar, (v. 1), 2011.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, N. **Escritos e ensaios: Estado, processo, opinião pública.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2006.

FALEIROS, V. P. Infância e processo político no Brasil. In: RIZZINI, I.;

PILOTTI, F. **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2011.

FRIGOTTO, G. Escola pública na atualidade: lições da história. In: LOMBARDI, J. C.;

SAVIANI, D.; NASCIMENTO, M. I. **A escola pública no Brasil: história e historiografia.** Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2005.

HARGREAVES, J. Norbert Elias: o sexo, o gênero e o corpo no processo civilizador. In:

RYCHTER, D.; DESCOUTURES, V.; DEVREUX, A. M.; VARIKAS, E. **O gênero nas ciências sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour.** São Paulo: Ed. da Unesp, 2014.

LÔBO, Y. **Cecília Meireles.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.

MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil.** São Paulo, 2016.

MEIRELES, C. **Cecília Meireles: crônicas da educação.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, (I, II, III, IV), 2001.

MEIRELES, C. **Olhinhos de gato.** São Paulo: Moderna, 1983.

PERES, E. Discurso pedagógico e práticas escolares: a trajetória de uma pesquisa histórica sobre escola pública primária gaúcha. In: MIGUEL, M. E. B.; CORRÊA, R. L. T. **A educação escolar em perspectiva histórica.** Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2005.

RAMANZINI, I. C. Paratopia criadora: Cecília Meireles, uma escritora atuante no cenário educacional. **Revista L@el em (Dis-)curso.** 6 (2), 2014.

SARAT, M. Meninas, mulheres e feminino: a educação e os modelos civilizados na infância. **InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 24, n. 48, p. 91-13 jul./dez., 2018.

YUNES, E. L. M.; BINGEMER, M. C. L. **Adélia Prado, Hannah Arendt, Cecília Meireles, Teresa Ávila e Simone Weil: mulheres de palavra.** São Paulo: Loyola, 2002.

Recebimento em: 16/02/2021.

Aceite em: 07/12/2022.